

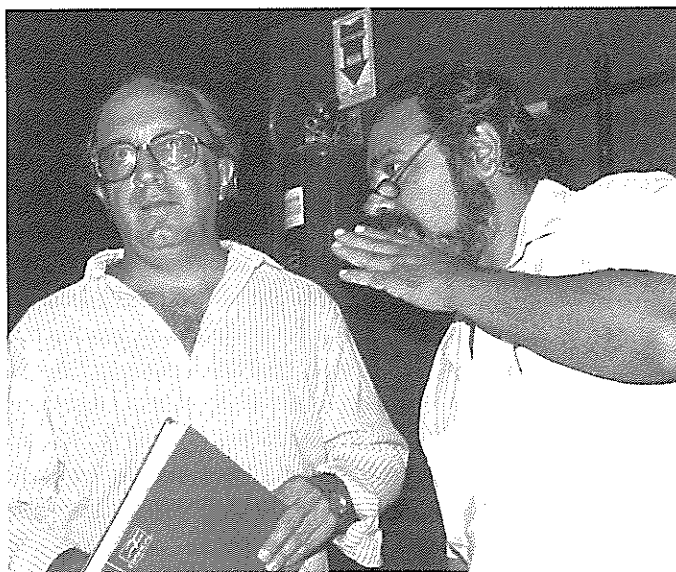
MEMÓRIA DA MEMÓRIA MEMÓRIA DA MEMÓRIA MEMÓRIA DA MEMÓRIA



**Uma História do
Centro de Pesquisadores
do Cinema Brasileiro**

José Tavares de Barros

Este é um relato sobre lacunas e ausências na história do Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro (CPCB). Quando o livro começou a ser planejado, tive a surpresa de ser identificado como um dos poucos remanescentes de uma reunião que aconteceu em 1969, considerada pedra fundamental da entidade. Além de reavivar lembranças sobre ocorrências nas etapas da história do CPCB, esforço-me também para recuperar fatos ausentes nos registros documentais consultados. Começo por contar alguns episódios da minha vida profissional, determinantes no meu envolvimento com a pesquisa do cinema no Brasil.



José Tavares de Barros e Cosme Alves Netto em Assembléia de 1988

ANOS 50 E 60

Dois anos dedicados integralmente ao estudo do cinema. Leituras, conversas com críticos e cineastas, redação de ensaios e críticas, centenas de filmes assistidos na televisão, em cineclubes, nas cinematecas, em salas lançadoras e de periferia, em festivais. Minhas anotações registram 569 títulos, entre fevereiro de 1962 e janeiro de 1964, mas é

provável que alguns filmes tenham escapado ao controle. Esta experiência de imersão cinematográfica aconteceu no *Centro San Fedele*, em Milão, Itália. Não fiz um curso regular, mas trabalhei intensamente no *Schedario Cinematografico*, arquivo dirigido por Nazzareno Taddei e dedicado à produção regular de fichas sobre filmes, cineastas, escolas e teorias cinematográficas. Foi este meu primeiro contato com o universo da pesquisa. Durante meses a fio, apoiado por Aldo Bernardini, futuro editor da revista *Bianco e Nero*, mergulhei a fundo na vida e obra de Luigi Chiarini. Figura polêmica, hostilizado pela esquerda por ter sido diretor do Festival de Veneza durante o período fascista, se por um lado realizou filmes convencionais, destacou-se por outro pelos fundamentos sociológicos dos seus livros, entre os quais *Arte e Técnica do Filme*, síntese do debate que então percorria a Itália sobre a relação entre arte e indústria no cinema. De volta ao Brasil, em fevereiro de 1964, eu poderia ter traduzido meu texto do *Schedario*. Espaço editorial existia, como o da coleção *Debates*, da Editora Perspectiva. Lamento até hoje minha falta de iniciativa naquele momento.

Antes de fechar o relato da temporada milanesa, refiro-me a um momento importante na minha relação anterior com o cinema. Quando estudante de Letras Clássicas e Filosofia em Nova Friburgo (RJ), em meados dos anos 50, caiu-me nas mãos o livro *L'Esprit du Cinéma*, de Jean Epstein. Além da exposição de teorias sobre a vanguarda francesa, o autor comentava alguns de seus filmes, entre eles *La chute de la Maison Usher*. É preciso lembrar que o leitor daquela época contentava-se com fotogramas e fotos de cena que ilustravam as publicações sobre cinema, sendo raras as oportunidades de assistir aos filmes fora de circuito, especialmente aos mais antigos, exibidos apenas aqui e ali em festivais ou em mostras retrospectivas. Alguém me informou que a Cinemateca Brasileira guardava em seus arquivos cópia única desse filme, não disponível para exibições públicas. Nas viagens que fiz a São Paulo naquela época, inclusive para conhecer os estúdios cinematográficos da Vera Cruz, encontrei-me algumas vezes com Hélio Furtado do Amaral, responsável pelo controle de impropriedade dos filmes, no Juizado de Menores. Hélio desenvolvia uma criativa atividade paralela de educação cinematográfica, debatendo com adolescentes e jovens filmes considerados impróprios pela Censura Federal. Em um desses encontros, falou-me dos seus contatos com Paulo Emílio Salles Gomes que, além de professor e crítico, era o conservador da Cinemateca. Informado pelo Hélio sobre meu interesse, Paulo Emílio convidou-me imediatamente para uma sessão especial do filme.

Aproveitei a longa viagem de ônibus até São Paulo para rever alguns trechos do livro de Jean Epstein. Por coincidência, no dia seguinte houve o debate mensal do Juizado de Menores e o filme estudado foi *Chá e Simpatia*, de Vincente Minnelli,

proibido para menores porque abordava o romance de um jovem com uma mulher casada, interpretada por Deborah Kerr. A conversa estendeu-se além do previsto, o trânsito estava congestionado, chegamos com atraso de meia hora para a sessão na Cinemateca, que deveria começar às 19 horas. Entrava-se na sala de projeção pelo lado da tela. Afastadas as cortinas pesadas, vi-me frente a frente com uma platéia de trinta pessoas, não muito jovens, vestidas com certo requinte. Os olhares revelavam impaciência. Entre comentários de “finalmente chegaram”, Paulo Emílio levantou-se e fez uma apresentação que me gelou da cabeça aos pés:

- Este é o Barros, especialista em Epstein, convidado para a palestra da noite. Com o atraso, começaremos imediatamente a exibição, pois a sala tem outra fita programada. Se quiserem, poderão conversar com ele depois da sessão.

Custei a envolver-me com o filme. No início, os ousados movimentos de câmera de Epstein misturavam-se com o susto pelo mal-entendido. Quando as luzes se acenderam, agradei a Deus por ninguém ter ficado para o debate. Lembro-me até hoje da sonora gargalhada do Paulo Emílio quando lhe falei do equívoco e do meu embaraço. Prevaleceu o lado bom do acontecimento: além de realizar meu desejo de cinéfilo, iniciei uma rica amizade com o conservador da Cinemateca. Em meados de 1964, Paulo Emílio convidou-me para seguir um dos cursos que ministrava na Universidade de Brasília. Instalamo-nos no Hotel Alvorada, com tempo no final de cada dia para conversar e trocar idéias. A temporada foi para mim uma ocasião inesquecível de aprendizado cinematográfico. Participei do curso sobre a vanguarda soviética, fixando-me na pedagogia muito peculiar do mestre. Ele agitava-se de um lado para outro, com gestos teatrais e voz impostada, como na fotografia de uma palestra de 1962 em homenagem a Humberto Mauro, em Belo Horizonte, publicada no Boletim CPCB nº 9:

- Não basta conhecer cinema, é preciso saber transmitir com emoção informações e conceitos, foi a resposta à minha pergunta sobre o segredo do seu inegável talento de comunicador.

Retorno rápido ao meu estágio de Milão, dois anos antes. Escrevi ao Paulo Emílio, contando-lhe que assistia a filmes italianos debatidos por seus realizadores, como Ermano Olmi, Federico Fellini e Pietro Germi, e tinha contatos com críticos de prestígio, entre os quais Guido Aristarco, Gianfranco Bettetini e Umberto Barbaro. Conte-lhe também sobre oportunidades freqüentes de analisar esses filmes, horas a fio, na *moviola* do Centro San Fedele. Paulo Emílio convidou-me a publicar artigos na sua coluna semanal do Suplemento Literário do *Estado*

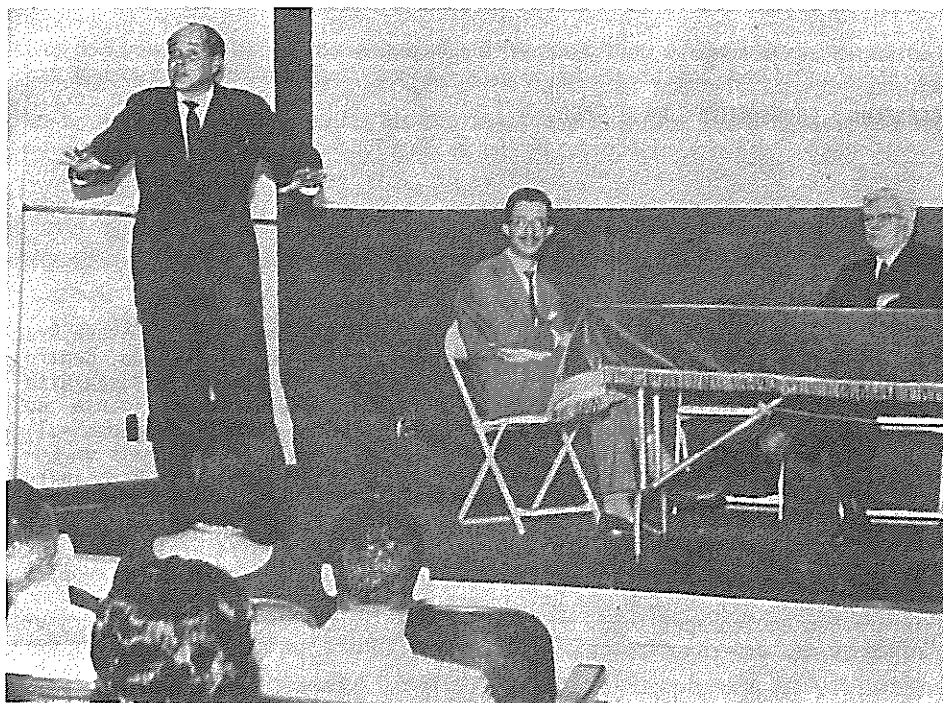
de São Paulo. Com um ensaio sobre *Oito e Meio* ampliei minha experiência europeia de crítico cinematográfico, que havia iniciado como enviado especial da *Revista de Cultura Cinematográfica*, de Belo Horizonte.

1964-1969

Ao retornar ao Rio de Janeiro, (em fevereiro de 1964) pretendia integrar-me ao grupo de cineastas cariocas com quem convivi antes da viagem à Europa, especialmente nas exibições e debates do cineclube da Faculdade Nacional de Filosofia. Entre eles, Nelson Pereira dos Santos, que exibiu *Rio, 40 graus* na inauguração do Centro de Arte de Nova Friburgo, que ajudei a criar. Depois da experiência italiana, pretendia ser montador, mas o plano foi atropelado pelas circunstâncias. Mal iniciados meus contatos com Luiz Carlos Barreto, em busca de oportunidades de trabalho, o golpe militar pôs em quarentena o grupo de cineastas que trabalhava com a *moviola* do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, recolhida pelas autoridades. Atendi então ao convite do Padre Massote para dar aulas na Escola de Cinema implantada por ele na Universidade Católica de Belo Horizonte e participar de um núcleo de produção, que acabou não saindo do papel.

Diante do desafio de viver em cidade desconhecida com salário insuficiente, fui socorrido pela intervenção generosa de três pessoas, a quem devo a mudança da minha trajetória profissional. O jesuíta Henrique Cláudio de Lima Vaz, professor de filosofia na Universidade Federal, apresentou-me a Edgar da Matta Machado, secretário do Trabalho do Estado de Minas e professor titular da Faculdade de Direito. Por intermédio deles, tive acesso ao novo Reitor da Universidade Federal, Alúcio Pimenta, autor de revolucionário projeto de reforma com base nos Institutos Centrais, que concentravam áreas afins de conhecimento. No dia 25 de maio, fui nomeado funcionário do Departamento Cultural.

Ainda em 1964, organizei um curso de extensão de cinema, com a participação de expoentes da cultura cinematográfica mineira, entre eles Cyro Siqueira e Jacques do Prado Brandão. Os alunos propuseram-me a criação de um circuito de filmes de arte, de que Belo Horizonte carecia. Mas o mercado exibidor da capital estava dominado por uma única empresa, a Cinemas e Teatros de Minas Gerais. Saí atrás de fontes alternativas de filmes, nas embaixadas estrangeiras e nas cinematecas. Como a Cinemateca Brasileira tinha poucas cópias disponíveis para exibição, concentrei minha busca na Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, dirigida na época por Cosme Alves Netto.



Paulo Emílio dramatiza a obra de Humberto Mauro (1897-1983). Também Jacques do Prado Brandão está atento. Belo Horizonte, 21 de março de 1962.

Não existe mais nenhum dos filmes em que Eva Nil trabalhou. Minhas impressões a seu respeito são alimentadas sobretudo pelo grande número de suas fotografias e pelas informações dos contemporâneos. Mas é preciso acrescentar que durante os vários encontros que tive com Dona Eva Comello, mais de quarenta anos depois de encerrada a sua carreira cinematográfica,

Conheci o Cosme em 1958, como assistente de José Sanz, na Cinemateca. Magro, atencioso, conversador discreto, de aparência tímida, já conhecia na palma da mão os filmes do acervo e sua localização nos arquivos. Tivemos mais tarde outros encontros na militância comum em cineclubes e círculos de cinema dos diretórios da Juventude Estudantil Católica (JEC) e da Juventude Universitária Católica (JUC). Quando retomei nosso contato, em 1964, Cosme transformara sua sala na Cinemateca em observatório de cinema, com informações atualíssimas sobre personalidades, filmes em produção, lançamentos, festivais e, de quebra, saborosas bisbilhotices. Suas fontes ultrapassavam a fronteira nacional, pois a Federação Internacional de Arquivos de Filme (FIAF) garantia-lhe livre acesso a eventos mundiais. Cosme referia-se com prazer a seus contatos com cineastas e funcionários do Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica (ICAIC),

relacionamento que se tornaria mais tarde pretexto para as torturas a que foi submetido por órgãos militares de repressão, sobretudo pelo Centro de Informações da Marinha (CENIMAR), de odiosa memória. O primeiro grande projeto universitário que desenvolvi com apoio da Cinemateca do Rio foi uma ampla retrospectiva do Cinema Expressionista Alemão, ponto alto da programação cultural do I Festival de Inverno, realizado em Ouro Preto (MG), em julho de 1967. Subiram as montanhas de Minas preciosas cópias em 16 milímetros, algumas delas únicas, raramente liberadas de arquivos zelosamente guardados.

Em uma das visitas que fiz ao Cosme, conheci Guido Araújo, criador das Jornadas de Cinema da Bahia, com quem mantenho sólida amizade. As reuniões, embora informais, obedeciam a rígido horário, antes da primeira sessão da Cinemateca. Na falta do operador, Cosme cuidava da cabine de projeção e controlava a qualidade do som. Esses encontros transformaram-se mais tarde nas “ceias dos veteranos”, reservadas a poucos iniciados, com exibição de novos títulos integrados ao acervo, de preferência inéditos e, sempre que possível, surpreendentes. No que diz respeito à presente memória, reporto-me a uma tarde do mês de novembro de 1969. Sob os pilotis do Museu de Arte Moderna encontrei Alex Viany, crítico no *Jornal do Brasil*, pesquisador, autor de livros e artigos fundamentais sobre a história do cinema brasileiro. Na sala do Cosme, Paulo Emílio e Maria Rita Galvão já nos esperavam, ao lado de três senhores que eu não conhecia:

- Nossos amigos do ciclo de cinema do Recife estão morando no Rio e vieram participar da reunião: Gentil Roiz, realizador pioneiro de Pernambuco; Dustan Maciel, também ator e produtor; Pedro Neves, ator e cinegrafista.

Foi grande minha emoção pelo contato pessoal com aqueles representantes do Ciclo de Cinema do Recife, tema de ensaio de Lucilla Bernardet. Pessoas simples, técnicos em relojoaria, Gentil e Dustan investiram grande parte de suas vidas na compulsão de fazer cinema, sem nunca verem seus filmes exibidos no território brasileiro, como desejavam. A conversa avançava entre casos e projetos quando chegou Michel do Espírito Santo, pesquisador e mais tarde redator das revistas *Filme Cultura* e *Guia de Filmes*. Apareceram ainda o cineasta Luís Alípio de Barros e Rosendo Marinho, diretor do Clube de Cinema do Rio de Janeiro e da coleção “Retrospectiva”. Creio que mais duas ou três pessoas participaram daquele encontro, mas não me lembram os nomes.

A conversa prossegue em torno dos filmes em suporte de nitrato, que se perdiam dias após dia; das graves lacunas nos registros históricos do cinema brasileiro; do

descaso de realizadores e produtores sobre o destino dos próprios filmes; da falta de ações efetivas por parte das instituições oficiais. A liderança da reunião passa do Alex para Paulo Emílio e logo volta ao primeiro, alternância amigável de entendidos do assunto. É indispensável fazer alguma coisa, depressa, em defesa da preservação da memória do cinema brasileiro. Ganha consistência, aos poucos, a proposta de levantar a lista de pesquisadores em atividade e convocá-los para um encontro de âmbito nacional. A Cinemateca oferece os espaços para o encontro. Como a urgência da convocação não permite tentativas de levantamento de recursos, os convidados de fora viajarão por conta própria. Paulo Emílio e Alex tranquilizam o grupo com a informação de que são numerosos os filmes recuperados para exibição e muitas as possíveis comunicações de pesquisas realizadas. É aprovada a alternativa de realizar a reunião entre 19 e 22 de fevereiro do ano seguinte. Decisões tomadas, talvez sem plena consciência do que estava acontecendo, o grupo acabava de plantar a semente de um movimento que, nove anos mais tarde, seria institucionalizado como Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro.

1969

Mero espectador desse encontro de personalidades, ficou evidente para mim que a paixão pelo cinema brasileiro identificava cineastas pioneiros, críticos e pesquisadores. Naquela ocasião, minha bagagem de pesquisa era modesta. Deixando as funções mais burocráticas do Departamento Cultural, transferi-me para a Escola de Belas Artes onde, em 1966, fundei o núcleo de cinema. Em 1968, Luiz Gonzaga Teixeira, graduado em história e ex-aluno da Escola do Padre Massote, passou a dividir comigo as aulas de cinema nos cursos de artes e comunicação. Apresentamos então ao Conselho de Pesquisa da UFMG um projeto específico sobre a história do cinema mineiro. Tínhamos alguns trunfos nas mãos.

Zoltan Glueck, fotógrafo profissional de ascendência húngara, realizara em 1954 *O despertar de um horizonte*, filme institucional para promover empresas instaladas na cidade e atrair novos investimentos. É provável que a idéia lhe tenha ocorrido quando percebeu que faltavam imagens para montar o documentário de longa metragem contratado. Providencialmente, decidiu valer-se das reportagens e dos documentários que seu amigo Igino Bonfioli, fotógrafo de origem italiana, falecido em 1965, realizara nos anos 20, 30 e 40, sobre acontecimentos da vida cultural, urbana e política da metrópole mineira. O texto empolado e repleto de clichês do filme de Zoltan, típico dos documentários da época, celebra os progressos da capital mineira na sua época usando o "atraso" das décadas passadas como termo de comparação. Mas o que realmente impressiona é a maneira de fotografar de Bonfioli, além do valor histórico de suas imagens. Zoltan depositou na filмотeca do Departamento de Cinema uma cópia do documentário e um contratipo positivo dos fragmentos recuperados. Com a participação de

estudantes em bolsas de trabalho, a pesquisa começou pela identificação de personalidades, datas e situações colhidas pela câmera de Bonfioli, a partir das imagens de *A visita do Rei Alberto da Bélgica a Belo Horizonte*, de 1919. Após a morte de Zoltan Glueck, a família recolheu a cópia de *O despertar de um horizonte* e dela nunca mais tivemos notícia.

Uma segunda linha de pesquisa resultou de contatos com o jornalista Nicola Falabella, autor de uma *Cronologia do Cinema Mineiro*, a partir das primeiras filmagens de Aristides Junqueira, em 1909. O roteiro da *Cronologia* transformou-se em referência para uma série de entrevistas com outros cineastas de gerações passadas, como Alysson de Faria e José Silva, este último conhecido pelos seus documentários sobre a construção de Brasília. Participaram de entrevistas gravadas, algumas filmadas, Leonor e Sílvia Bonfioli, filhas de Igino Bonfioli; Oswaldo Junqueira, filho de Aristides Junqueira; Lídia Masoti Gontijo, filha de Carlos Masoti. Quanto aos métodos e às estratégias de trabalho, devo toda minha iniciação a Paulo Emílio. Ele já me falara do seu primeiro *avizinhamento* com Humberto Mauro e sua obra, baseado fundamentalmente em entrevistas com o cineasta e na visão dos filmes, também sobre os rumos que sua pesquisa ia tomando. Inspirado em suas idéias e métodos, visitei em Pouso Alegre (MG) o pioneiro Francisco de Almeida Fleming, nos dias 14 e 15 de março de 1972. De coração aberto, falou com entusiasmo das fitas que havia feito nos anos 20, enfrentando preconceitos sociais e familiares, na cidade vizinha de Ouro Fino, sua terra natal. A fotografia que ilustra meu artigo sobre Fleming, no Boletim nº 9 do CPCB, foi feita naquela ocasião, na varanda da sua casa. Não tenho a menor dúvida de que esta e outras experiências realizadas naquele período foram estimuladas pela conversa na reunião da Cinemateca do Rio, em 1969 e, sobretudo, pelo encontro de 1970, quando me senti confirmado na vocação de pesquisador do cinema mineiro.

1970 - 1973

Não participei das conversações entre Paulo Emílio, Alex e Cosme para organização do encontro de fevereiro de 1970. O Boletim nº 1 dos Pesquisadores do Cinema Brasileiro traz informações sobre o programa: lista dos filmes exibidos, autores das exposições e comunicações, pesquisas em andamento em todo o país. Entre as decisões aprovadas na reunião plenária final, consta a implantação de uma secretaria executiva, com a coordenação de Lucilla Ribeiro Bernardet e Maria Rita Galvão, ambas da Cinemateca Brasileira. Ficou bem claro que não estava sendo criado um centro de pesquisadores ou entidade equivalente. Tratava-se apenas de implementar um grupo de pessoas identificadas com o tema da

pesquisa em suas diversas vertentes, incluindo professores, realizadores, críticos, cinéfilos e demais interessados.

Como explicar a ausência quase total de registros de atividades nos três anos que separam a impressão do Boletim nº 1, sobre o encontro de 1970, e o lançamento do Boletim nº 2, que descreve o III Encontro, de Belo Horizonte, realizado em setembro de 1973? O que se passou nesse período de silêncio? Teria arrefecido o impulso de 1970, tão cheio de entusiasmos e projetos? O período de latência descumpria até mesmo a declarada intenção das duas secretárias de divulgar “matérias mais pormenorizadas sobre algumas experiências de pesquisa e uma variedade maior de informações”. Enquanto isso, as atividades de pesquisa na UFMG prosseguiram com razoável continuidade. Vez por outra estimulavam-nos significativos aportes externos, como esta carta enviada por Alex Viany em 2 de maio de 1972:

Amigo Barros:

Para fazer o verbete de cinema brasileiro que aparecerá na nova enciclopédia dirigida por Antônio Houaiss (56 laudas sofridíssimas, que levei um mês a coordenar e pôr no papel), fui forçado a dar uma certa arrumação em inúmeras anotações dispersas, recortes, cartas etc. – chegando à conclusão de que ainda há lapsos terríveis em meu projeto de um livro sobre o cinema brasileiro...

Enfim, eu ficaria muito grato se você me pudesse mandar algumas informações sobre os pioneiros da exibição em Minas Gerais, tanto os itinerantes (mascates, técnicos, mágicos etc.) quanto os que estabeleceram os primeiros cinemas fixos. Idem quanto aos nomes citados e outros possíveis pioneiros da filmagem em Minas Gerais, com os respectivos lugares e datas de nascimento (e morte).

Tudo o que você me mandar (em xerox ou seja lá como for) será devida e entusiasticamente creditado no livro, que deve estar pronto (ou definitivamente arrumado) até o próximo ano.

Aguardando notícias suas, inclusive sobre seu próprio trabalho de pesquisa, mando de cá meu abraço.

Alex Viany

Não me recordo se atendi ou não ao pedido do amigo. Lembro-me de que o silêncio da *Secretaria dos Pesquisadores* passou a ser assunto prioritário nas conversas com o Cosme. Em meados de 1972, levamos nossa inquietação ao Paulo Emílio, que se declarou também aborrecido e prometeu verificar o que se passava. A resposta só chegou no mês de março do ano seguinte:

- O problema todo é que Lucilla e Maria Rita estão sobrecarregadas de trabalho na Cinemateca e na USP, sem tempo para atenderem, como deveriam, as *cousas* do secretariado dos pesquisadores. Barros, você não teria algum modo de movimentar as *cousas*, de Belo Horizonte? Se precisar, escreverei ao reitor para apoiar um projeto seu. Temos que manter o pessoal ligado, caso contrário corremos o risco de pôr a perder o esforço tão grande que fizemos para convocar e integrar tantas pessoas interessadas na pesquisa de cinema.

A sugestão do Paulo Emilio caiu-me como desafio pessoal. Se quiséssemos realizar um novo encontro dali a poucos meses, era preciso pôr imediatamente mãos à obra. A idéia central do evento, sua metodologia, as pessoas que deveriam ser convidadas, os filmes que poderiam ser exibidos: tudo foi conversado em duas ou três reuniões na Cinemateca de São Paulo. Não me esqueço das caminhadas ao lado do Paulo Emilio no bosque de frondosos eucaliptos, perto da antiga sede do Ibirapuera. Raios de sol, filtrados de quando em quando, faziam nossa imaginação divagar pela floresta do *Rashomon*, de Kurosawa. Como se dispusesse de todo o tempo do mundo, Paulo Emilio relatava viagens e cursos, novas descobertas sobre Eva Nil e Cataguases, a conversão definitiva para o cinema brasileiro. A realização do encontro ficou para o final da conversa. Discutimos o programa sentados em um dos bancos na área dos iglus de cimento armado onde eram conservadas, perigosamente, preciosas películas de nitrato. De volta a BH, elaborei um projeto minucioso, primeira condição para obtenção de apoio na UFMG. O Chefe de Gabinete da Reitoria, professor Fábio do Nascimento Moura, percebeu de imediato que uma reunião de pesquisadores de cinema brasileiro sintonizava com o projeto de extensão por ele desenvolvido naquele momento e deu-me o apoio necessário.

A Faculdade de Ciências Econômicas, situada no centro comercial de Belo Horizonte, ofereceu seu auditório de 300 lugares, equipado com projetor de 35 milímetros. As etapas de preparação, desenvolvidas ao longo dos meses seguintes, passaram a contar com os serviços da secretária do Departamento de Fotografia e Cinema, a dedicada Naná, a quem deve muito a eficiência das duas fases mineiras do Centro de Pesquisadores. Paulo Emilio, com a competência inata de prevenir mal-entendidos e mágoas, cumpriu a promessa de conversar com Lucilla e Maria Rita. Ambas confirmaram a impossibilidade de seguirem à frente da secretaria. Cuidado similar foi tomado quanto à definição do temário do encontro e dos respectivos expositores.

O grupo, já foi dito, identificava-se na intenção generosa de defender o cinema brasileiro, mas era heterogêneo em termos de formação, competência e interesses

individuais. Adotamos em conjunto, Paulo Emílio, Cosme e eu, o critério, mantido nos anos seguintes, de convidar para o III Encontro somente pesquisadores em condição de aportar algo novo, fosse a descoberta de um filme considerado perdido, ou um estudo sobre algum cineasta, ou ainda uma investigação acadêmica sobre determinado ciclo ou aspecto do cinema brasileiro. Essa variedade torna-se evidente na relação dos temas abordados nas sessões de estudos, como consta no Boletim nº 2, de novembro de 1973. Estabelecidos os conteúdos e definidos os convidados para o encontro, as providências locais



Francisco de Almeida Fleming

ficaram a cargo de uma comissão diretora, nomeada pelo Reitor da UFMG, Eduardo Cisalpino, incluindo os pesquisadores Zoltan Glueck, Nicola Falabella e Luis Gonzaga Teixeira, sob minha coordenação. A universidade assumiu custos de recepção e hospedagem de 20 participantes de outras cidades, alojados no pequeno Hotel Gontijo, a dois passos da Faculdade de Ciências Econômicas. E garantimos aos visitantes que poderiam circular sem medo, a qualquer hora, pelas ruas arborizadas do centro de Belo Horizonte.

Paulo Emílio chegaria no início da tarde. Fiquei de buscá-lo no aeroporto, bem próximo do campus universitário da Pampulha. Na noite anterior, 26 de novembro, avisou-me sobre uma mudança de planos:

- Viajo de manhã, tenho assuntos a resolver aí. Não se preocupe, irei mais tarde para o hotel, lá nos encontraremos.

Encontrei Paulo Emílio agitando intensamente uma lata amarelada de 35 milímetros. Lia-se nos dizeres esmaecidos do rótulo: *BONFIOLI FILMS – CANÇÃO DA PRIMAVERA, 1923 – Primeira Parte*. Contou-me sobre sua visita à família do

cinasta, antiga convivência amigável, apesar do desentendimento com a Cinemateca Brasileira a propósito de uma exibição do filme *Tormenta*. A cópia conquistada naquela manhã exalava o forte odor característico do nitrato, mas parecia em bom estado. As cinco partes zelosamente guardadas pelos Bonfioli eram o que restava do filme, pois o negativo se perdera. Tomadas algumas precauções para evitar riscos de combustão espontânea e desgaste mecânico irreversível, resolvemos exibi-lo.

A cerimônia de abertura do III Encontro, presidida pelo professor Marino Mendes Campos, vice-reitor em exercício, teve a participação de duzentas pessoas. Estavam representados o Instituto Nacional de Cinema e a Embrafilme. O pesquisador Alexandre Eulálio Pimenta da Cunha, primo do cineasta David Neves, foi enviado pelo Departamento de Assuntos Culturais do Ministério da Educação e Cultura. A exibição de *O despertar de um horizonte* confirmou nossa avaliação anterior de que o valor do documentário estava na qualidade dos fragmentos retirados por Zoltan Glueck do acervo Igino Bonfioli. Paulo Emílio anunciou então, emocionado, a especialíssima exibição da primeira parte de *Canção da primavera*. Foram realmente dez minutos inesquecíveis. Encantaram os espectadores as imagens iniciais do filme, no curral da fazenda, realçadas pela luminosidade da película em nitrato, tingidas de azul, deslumbrantes na sua simplicidade. Impressionante também o registro fotográfico das cenas de interiores. O amarelo-palha da luz mortíca de uma vela, conduzida dentro da casa, arrancava da escuridão personagens e artefatos da cenografia.

A noite de atrações reservava mais uma surpresa. As filhas de Bonfioli subiram ao palco e, entre flores e homenagens, falaram da atuação de ambas como figurantes infantis no casamento de *Canção da primavera*. Dona Sílvia, a mais eloqüente das duas, assumiu em seguida uma postura solene:

- Papai não teve nunca em sua vida um reconhecimento como o de hoje. Ficamos muitas gratas, Leonora e eu, nosso irmão também. Aproveito este momento tão feliz para dizer aos queridos convidados que tomamos a decisão de doar para a Universidade todas as fitas do Igino, nosso pai. Com uma condição: que o professor Barros prometa conservar o acervo aqui em Minas, papai não queria que ele saísse de Belo Horizonte, muito menos para a Cinemateca de São Paulo.

O sorriso discreto do Paulo Emílio revelou compreensão pelas cismas do amigo cinasta, mas seus olhos brilhavam de alegria. Ele tinha perfeita consciência de mais uma vitória como conservador, não apenas da Cinemateca, mas de todo o cinema brasileiro. O acervo pioneiro de Bonfioli, um dos mais completos

existentes até hoje, escapava naquela hora dos efeitos do tempo, da combustão, das inundações e de tantos outros acidentes que destruíram grande parte da nossa produção cinematográfica.

Estes são alguns dos fatos não relatados no Boletim nº 2. Uma das conclusões do III Encontro revela o estado de espírito dos pesquisadores ao determinar “urgente implantação de um laboratório especializado, de caráter não comercial, destinado à recuperação de filmes que exijam cuidados técnicos não padronizados”. Necessidade incontestável, sem dúvida alguma. Mas consta do parágrafo seguinte uma decisão que, distanciada no tempo, revela-se ingênua e imprudente: “Os delegados de outros Estados manifestam a esperança de que o laboratório de recuperação, acima mencionado, possa instalar-se no quadro do Centro Audiovisual da Universidade Federal de Minas Gerais”. A decisão unânime, mas sem a menor condição de ser implementada, decorreu provavelmente da boa impressão causada pela organização do Encontro e pelo envolvimento concreto e funcional da Universidade. Tudo acrescido da euforia pela notícia da doação da obra de Bonfioli, assunto que dominou as conversas de corredores até a etapa de redação das conclusões.

É conhecida a atitude desconfiada dos descendentes dos pioneiros do cinema, com suas pretensões geralmente inviáveis de tirar proveito dos acervos que herdaram, como no caso da família Glueck. Tocou a todos, naquele momento, o discernimento dos Bonfioli ao perceberem que as quase 300 latas em 35 milímetros do acervo paterno estariam muito mais seguras se confiadas aos cuidados da UFMG. Já que tudo conflui para Minas, devem ter pensado os pesquisadores, é razoável que seja instalado na Universidade Federal o almejado laboratório de recuperação de filmes antigos. Imagino que Cosme e Paulo Emílio tenham logo percebido a inconsistência da proposta, mas preferiram manter o silêncio do bom senso. Na prática, o Centro Audiovisual, instalado em 1964 no Departamento Cultural da Reitoria como mero laboratório fotográfico, não oferecia condições técnicas mínimas e nem mão de obra especializada para tornar-se um centro de recuperação de filmes. Não se tocaria mais no assunto, o laboratório mineiro nunca saiu do papel.

1974 - 1977

O resultado concreto do III Encontro foi a transferência da secretaria dos pesquisadores para Belo Horizonte, mais uma vez graças à capacidade de articulação de Paulo Emílio, sensível a todas as intenções e tendências, nem sempre explícitas, das inúmeras assembleias que conduziu ao longo da vida. Ele percebeu na hora o potencial da estrutura universitária e dos professores mineiros para

sustentar o projeto dos pesquisadores. É importante lembrar que uma das conclusões de 1973 referia-se “ao comprometimento crescente das Universidades Brasileiras na tarefa de pesquisa e recuperação de material cinematográfico”. O editorial do Boletim nº 3, publicado pela UFMG em abril de 1974, registrou a nova situação administrativa. As decisões tomadas em 1973 foram também retrato fiel da mencionada heterogeneidade do grupo, um caldeirão de idéias, interesses, projetos e métodos pessoais.

Nos meses seguintes instalou-se na secretaria do Departamento de Cinema da Escola de Belas Artes, em Belo Horizonte, uma espécie de *agência*, que logo se tornou canal de comunicação entre os pesquisadores e destes com empresas depositárias de acervos cinematográficos, entre as quais a Cinédia e a Embrafilme, e com as cinematecas e demais instituições empenhadas diretamente na conservação de filmes. A publicação do boletim permanecia como prioridade. O editorial do Boletim nº 3, de abril de 1974, cobra dos associados “o envio de informações à Secretaria dos Pesquisadores do Cinema Brasileiro que, ao divulgá-las, estará atingindo uma de suas finalidades básicas”. A institucionalização do grupo, com personalidade jurídica, que chegou a ser cogitada, ficou para mais tarde. O Boletim nº 3 divulgou textos de Paulo Emílio Salles Gomes (*A Bela Época do Cinema Brasileiro*, livro de Vicente de Paula Araújo) e de Maria Rita Eliezer Galvão (*História do Cinema Paulista – uma experiência de pesquisa*), apresentados no III Encontro, além de três informações importantes. Em Minas, a UFMG liberava uma verba de vinte mil cruzeiros para iniciar a recuperação do acervo Bonfioli. No Paraná, a Fundação Cultural de Curitiba registrava a doação de uma valiosa coleção de filmes de João Batista Groff, pioneiro da cinematografia naquele Estado. Em Cataguases, no dia 28 de abril, seria lançado o livro *Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte*, de Paulo Emílio Salles Gomes, a partir da tese de doutorado defendida com brilho na Universidade de São Paulo.

Segunda prioridade da secretaria de Minas, a realização de encontros anuais começou a tornar-se realidade a partir de uma chamada telefônica do Paulo Emílio, em fevereiro de 1974, confirmada em carta do mês de maio:

- Estou negociando com os dirigentes da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) para incluir-nos na sua próxima reunião. Serão em princípio uns 20 convites, incluindo passagens e hospedagem. Um dos argumentos que usei foi o fato da localização do evento em Recife, pois organizaremos uma homenagem aos cineastas e aos filmes do ciclo regional pernambucano.

O IV Encontro de Pesquisadores sinalizaria uma etapa importante na consolidação do movimento dos pesquisadores, reconhecido cada vez mais pelos meios

culturais e científicos do país, graças em grande parte ao prestígio pessoal do Paulo Emílio.

São Paulo, 4 de maio de 1974

Caro Barros,

Combinado então que você vai vice-coordenar comigo o simpósio sobre o cinema mineiro, nordestino e histórico da pesquisa no Brasil (IV Encontro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro), no quadro do Congresso da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, que se realizará em Recife durante a primeira quinzena de julho.

Além disso, você vai apresentar o trabalho: O Cinema Mineiro. Trata-se de uma exposição sucinta, por escrito, sobre o que já foi feito, o que está sendo feito, e o que ainda deverá ser feito pelos pesquisadores. Eventualmente você ampliará sua exposição com comentários à margem do texto escrito e nas respostas a perguntas feitas durante o Simpósio, Ficaria muito grato se você pudesse me enviar até o fim de junho uma cópia do texto de sua exposição.

Oportunamente você receberá correspondência oficial da SBPC sobre o assunto.

Abraço cordial do Paulo Emílio

Com a participação do Cosme, tivemos contatos freqüentes nas semanas seguintes para deliberar sobre a lista dos pesquisadores que seriam convidados para Recife. O Boletim nº 4 informa que a programação constou de três simpósios e quatro sessões com exibição de filmes recuperados, entre os quais *Um drama caipira dedicado a Caio Scheiby*, sobre o cinema feito em Campinas nos anos 20, e *Cinema gaúcho nos anos 20*, de Antonio Jesus Pfeil. Este pesquisador de Canoas (RS), responsável pela descoberta e recuperação de filmes gaúchos, destacava-se pelos novos achados que trazia regularmente aos encontros. Quando, após a institucionalização do grupo, passaram a ser cobradas simbólicas anuidades, nosso Jesus pesquisador recusou-se a pagá-las. Alegava que, ao contrário, era ele quem deveria ser remunerado pelo trabalho de prospecção. A solução do impasse partiu da habilidade conciliadora do Cosme. Apesar de pouquíssimo abonado pelo mínimo salário que recebia do Museu de Arte Moderna, assumiu o compromisso de pagar a anuidade do amigo. Dessa forma, Jesus continuou a divulgar ano após ano seus achados cinematográficos, que acabavam sendo depositados no acervo da Cinemateca do Rio. Distantes no tempo, tais histórias integram o folclore do nosso movimento.

Foi na reunião do Recife, em julho de 1974, que passou a ser usado o indicativo Centro para a sociedade dos pesquisadores, quatro anos antes da sua efetiva criação. O IV Encontro contou com a presença de personalidades comprometidas com o cinema brasileiro que não tinham participado do evento anterior, em Belo Horizonte. Algumas delas desempenhariam papéis significativos na história posterior do grupo. Leandro Tocantins, da Embrafilme, abriria consistentes perspectivas de parceria editorial, concretizadas nos anos 80. Os paulistas Felipe Macedo, da Cinemateca, e Sylvia Bahiense, do Museu da Imagem e do Som, chamaram a atenção dos participantes para a precariedade dos procedimentos usados até então para salvaguarda dos filmes que iam sendo descobertos, a maioria deles em nitrato, invalidando em muitos casos os esforços para sua preservação. Guido Araújo, de Salvador, acenava com a urgência da publicação de texto inédito de Walter da Silveira, já falecido, sobre a história do cinema baiano. Contagiou a todos o calor humano de Aramis Millarch, falecido em 1992, então diretor da Fundação Cultural de Curitiba, dedicado à preservação da obra do cinegrafista paranaense J. Groff. Paulo Melo referiu-se à continuidade do esforço de pesquisa sobre o cinema paraibano, conduzido por Wills Leal. Já reconhecido por suas reflexões sobre teoria e história do cinema, Ismail Xavier analisou as três faces da ideologia cinematográfica brasileira, presentes nas revistas *Klaxon*, *O Fan* e *Cinearte*.

Inesquecível a noite de abertura do Encontro, com Augusto Lucena, prefeito de Recife, homenageando os pioneiros do cinema pernambucano. Das exibições constaram fragmentos de *Retribuição* (1923), *Jurando vingar* (1925), *Aitaré da praia* (1925) e *Dança, amor e ventura* (1927). Quase no final do Encontro de Recife, Paulo Emílio apresentou-me Carlos Augusto Calil, que também atuava na Cinemateca Brasileira. Anos depois, na condição de presidente da Embrafilme, Calil se destacaria como grande incentivador da pesquisa de cinema no Brasil. O clima favorável do IV Encontro estimulou, sem dúvida, a continuidade de atividades solidárias dos pesquisadores. Um pequeno grupo, reunido informalmente na IV Jornada Nordestina de Curta Metragem, no mês de setembro seguinte, dirigiu uma moção ao Instituto Nacional de Cinema pleiteando a concessão automática do certificado de Categoria Especial para filmes cuja temática fosse a história do cinema brasileiro. Ainda em 1974 foi divulgado o levantamento das pesquisas em execução em todo o país, que incluía a relação dos pesquisadores em atividade e suas áreas respectivas. O plenário do IV Encontro confirmou a permanência da secretaria executiva do grupo no Departamento de Cinema da UFMG.

O Boletim nº 5 foi lançado somente no segundo semestre de 1975, com matérias sobre o V Encontro de Pesquisadores, realizado no mês de julho daquele ano, em Belo Horizonte, programação conjunta da XXVII Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e do IX Festival de Inverno de Ouro Preto,

patrocinado pela UFMG. Além da problemática da pesquisa, tema da Mesa Redonda coordenada por Cosme Alves Netto, o V Encontro tratou da aproximação do CPCB com as universidades. Entre os filmes exibidos, a *reestréia nacional de Tormenta* (1931), de Igino Bonfioli, com cópias recuperadas de 16 e 35 milímetros. O Boletim nº 5 traz ainda um longo relato sobre uma polêmica entre Alice Gonzaga e a Fundação Cinemateca Brasileira a propósito da devolução de filmes produzidos pela Cinédia, fundada por Adhemar Gonzaga. A questão tinha se acirrado em torno da “sonorização da *preciosíssima* cópia de *Ganga Bruta*”. O parágrafo final do texto mostra que os vários aspectos do problema foram esclarecidos e os ânimos serenados:

“O desentendimento entre a FCB e a Cinédia S.A. insere-se num contexto mais amplo e permanente que é o da discordância entre os propósitos puramente comerciais e os culturais. Numa ocasião em que parecia que os velhos filmes não tinham mais a menor possibilidade comercial, os seus proprietários se desinteressavam por eles, vendiam-nos eventualmente aos quilos para recuperação industrial ou simplesmente se desfaziam deles em favor dos pequenos núcleos que então já reconheciam a importância histórica dessas obras, mesmo quando realizadas de forma canhestra. Depois do advento da TV, da voga de filmes de montagem e da mais recente onda de nostalgia, esses filmes esquecidos readquiriram vitalidade comercial e os seus proprietários legais readquiriram interesse por eles. Tudo isso é perfeitamente normal desde que essa preocupação comercial não mutile de uma maneira irreparável as matrizes dos originais. É nesse esquema que se impõe o entendimento entre os preocupados com o comércio e os responsáveis pela cultura. Há inúmeros exemplos no mundo e no Brasil de que esse acordo é possível, sem prejuízo comercial para um e cultural para outro”.

A partir desse incidente, Alice Gonzaga tornou-se uma colaboradora constante das atividades do futuro CPCB.

Delineava-se no horizonte, naquele momento, a colaboração da Fundação Cultural do Distrito Federal (FCDF) que, através do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, apoiaria substancial e reiteradamente a realização de encontros posteriores. Cabe uma homenagem ao saudoso Marco Antonio de Campos Guimarães, diretor do Festival e parceiro entusiasta na pesquisa do cinema brasileiro. Graças ao apoio de 20 passagens e hospedagens oferecidas pelo Festival, instalou-se no dia 20 de julho de 1976, no auditório da Escola de Música da Universidade de Brasília, o VI Encontro de Pesquisadores. O Boletim nº 7 traz pormenores sobre a cerimônia de abertura:

A sessão inicial foi aberta pelo Sr. Rui Pereira da Silva, Diretor Executivo da Fundação Cultural do Distrito Federal, que fez breve relato de suas atividades como diretor da Cinemateca do MAM. Aproveitou a oportunidade para prestar homenagem aos Srs. Cosme Alves Netto, Paulo Emílio Salles Gomes, Jurandy Passos Noronha e José Tavares de Barros pelo trabalho que desenvolvem em defesa do nosso cinema e, em particular, pelo empenho que dedicam ao campo da pesquisa.

O VI Encontro acolhia a proposta do Paulo Emílio para incluir na programação aportes de professores universitários. Sara Chucid Da Via abriu o Seminário I com uma exposição sobre a pesquisa em ciências humanas como referência para a pesquisa cinematográfica. Denunciou, particularmente, certa carência metodológica na pesquisa do Cinema Brasileiro por priorizar investigações meramente factuais, subordinadas a evidente improvisação e precária análise qualitativa de dados. As palavras da professora provocaram reações veementes nos debates conduzidos por Maria Rita Galvão e Carlos Roberto de Souza, da Cinemateca Brasileira. Antonio Jesus Pfeil e Michel do Espírito Santo protestaram contra o caráter acadêmico da proposta, alegando que o estado da pesquisa exigia atenção prioritária nas tarefas de prospecção e no cuidado dos acervos documentais. Nos debates que se seguiram, o plenário dividiu-se em dois grupos. De um lado, os *intelectuais*. De outro, os *pragmáticos*. Diferenças que o tempo se encarregaria de amenizar.

Menos polêmica, no Seminário II, foi a exposição do professor Fredric Litto, também da Universidade de São Paulo (USP), outra indicação direta do Paulo Emílio. O projeto *Filmografia Brasileira* enfatiza o aspecto documental da pesquisa e orienta seu foco principal para a criação de uma obra de referência, com subsídios para a comunidade dos pesquisadores. A objetividade da exposição serviu para amainar os ânimos e criar um ambiente favorável para a etapa das comunicações individuais dos participantes. Nas sessões de filmes recuperados, a platéia deliciou-se com a exibição de fragmentos de *O Guarani* (1928), do *Carnaval em Curitiba* (década de 20), de Annibal Requião, e da *Revolução de 1923 no Rio Grande do Sul*, de Benjamim Lamoato.

Presidi a sessão de encerramento do VI Encontro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro ao lado de Paulo Melo, relator oficial do Encontro, e de Roberto Farias, diretor geral da Embrafilme. Farias informou que o apoio da Empresa à cultura cinematográfica seria transformado em atribuição legal após sua fusão com o Instituto Nacional de Cinema. Referiu-se também à próxima realização de uma grande mostra comemorativa dos 70 anos do cinema brasileiro, com o apoio da UFMG e das Cinematecas do Rio e de São Paulo. Coordenada pelo

Paulo Emílio, a mostra percorreu diversas regiões do país. Os resultados do VI Encontro apontam para uma progressiva vinculação dos destinos do futuro CPCB com a política oficial do cinema e com entidades representativas da iniciativa privada, entre elas a Associação Brasileira de Documentaristas, que se comprometeu na ocasião a prestigiar o movimento dos pesquisadores. A idéia de institucionalização do grupo aparecia em uma das conclusões do plenário:

Considerando a conveniência da estruturação jurídica do Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro, como uma associação com projetos específicos, a Assembléia do VI Encontro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro constitui uma comissão especial com a tarefa de elaborar um anteprojeto de estatuto, para discussão e aprovação em momento oportuno. A comissão, presidida pelo atual presidente em exercício, José Tavares de Barros, será integrada pelos seguintes membros, representantes de órgãos federais, estaduais, municipais e privados, aos quais os núcleos de pesquisa estão habitualmente ligados: Luiz Gonzaga Teixeira, Maria Rita Galvão, Valêncio Xavier e Cosme Alves Netto.

Apenas terminado o evento, já se confirmava a realização do VII Encontro no programa oficial do X Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, com início marcado para 25 de julho de 1977.

Os arquivos do CPCB incluem muitos dados sobre a preparação desse Encontro. Em 10 de março, o Diretor Executivo da FCDF reafirma que o evento já está incluído na programação do X Festival de Brasília, indicando para os contatos necessários o “encarregado do Centro de Cinema desta fundação, Marco Antonio de Campos Guimarães”. Dois meses depois, no dia 10 de maio, enviei ao Festival a relação dos pesquisadores que deveriam ser convidados. Constava da relação, pela primeira vez, o nome de José Carlos Avellar, mais tarde inestimável colaborador do CPCB na qualidade de responsável pelo Conselho Editorial da Embrafilme e pelos Cadernos de Pesquisa, dos quais se tratará mais adiante. Além da presença imprescindível do Cosme Alves Netto, a Cinemateca do Rio de Janeiro enviou Vera Brandão de Oliveira, que se destacava por seu trabalho com arquivos de papel. Guido Araújo viajou apoiado pelo Instituto Goethe de Salvador. De Belo Horizonte, compareceu o crítico Paulo Augusto Gomes, pesquisador do cinema mineiro, representando o jornal Estado de Minas.

O programa do VII Encontro reiterou certas tendências de eventos anteriores. Maria Rita Galvão e especialistas das cinematecas propuseram um *fichamento padrão para classificação de material cinematográfico*. Carlos Augusto Calil abordou os *métodos científicos de restauração de filmes antigos*. Lígia Moraes Leite (SP) e Heloísa Buarque de Holanda (RJ) desenvolveram uma reflexão interdisciplinar

sobre a aplicação ao universo do cinema dos métodos de análise literária. A *análise específica do som no cinema* foi abordada por Evandro Lemos da Cunha (MG) e Sylvia Bahiense (SP). Manteve-se ainda na programação a tendência anterior de prestigiar a reflexão acadêmica, com espaço menor para as comunicações sobre achados de filmes pioneiros e depoimentos de colecionadores de documentos. Apesar disso, não me recordo de protestos por parte de pesquisadores que se sentissem discriminados. No VII Encontro foram abordadas também as relações entre crítica e pesquisa por Fernando Ferreira, de O Globo, tendo participado da mesa José Carlos Avellar e Paulo Augusto. Na reunião administrativa do grupo, foi examinado o anteprojeto de Estatuto do CPCB, elaborado por Luiz Gonzaga Teixeira. As lideranças dos pesquisadores intensificavam seus esforços a favor da institucionalização, finalmente programada para o VIII Encontro, que se realizaria mais uma vez graças ao apoio da FCDF.

A sociedade brasileira foi surpreendida na tarde de 9 de setembro de 1977 pela notícia de que Paulo Emílio passara mal no seu gabinete da Secretaria de Cultura do Município de São Paulo e falecera ao ser medicado. O movimento em torno da pesquisa de cinema no Brasil ficava órfão antes de ser institucionalizado. Em encontro recente, Calil contou-me que chorou compulsivamente pela perda do amigo, professor e modelo. Cada um de nós chorou a seu modo, segundo o próprio grau de intimidade com o mestre, amigo de todos, sem exceção. Para mim, foi imensa a falta do interlocutor mais apaixonado pelo futuro Centro de Pesquisadores. Faltou-me ânimo, inclusive, para editar o boletim programado para o segundo semestre. Da presença vibrante do amigo restam imagens esmaecidas que, infelizmente, nunca serão recuperadas.

1978

O VIII Encontro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro teve como cenário o Teatro Galpãozinho de Brasília, em três manhãs de intenso trabalho. Tempo necessário para a releitura cuidadosa do projeto de estatutos e as habituais conversas de corredor, mais do que se poderia imaginar, como logo veremos.

Ata da Assembléia de Constituição do Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro.

Aos vinte e cinco dias de julho de mil novecentos e setenta e oito, na Fundação Cultural do Distrito Federal, em Brasília, no âmbito do XI Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, reuniram-se os abaixo assinados,

com a finalidade de formalizar a constituição do Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro.

Indicado para presidir a Assembléia, o pesquisador José Tavares de Barros propõe os nomes dos pesquisadores Dejean Magno Pellegrin e Luiz Gonzaga Teixeira para, respectivamente, secretariar a reunião e relatar o anteprojeto de Estatutos do Centro, já do conhecimento dos presentes.

Aprovados no final dessa sessão e registrados em cartório, os Estatutos seriam publicados no Diário Oficial da União de 16/08/1978. Estava superada uma etapa importante, o movimento dos pesquisadores conquistava o foro de sociedade civil, de âmbito nacional, sem fins lucrativos, com personalidade jurídica distinta da de seus membros. A assembléia e as comemorações tomaram a manhã inteira, foi preciso deixar para o dia seguinte a eleição da primeira diretoria.

O bom entendimento dos fatos que se seguem exige um corte seco para o futuro. Precisamente, para a Jornada de Cinema da Bahia que, nos anos 80, teve como sede o Campus da Universidade Federal. Carlos Augusto Calil, Rudá de Andrade e eu ficamos hospedados na orla, em hotel de cinco estrelas. Já pelo fim da Jornada, Rudá surpreendeu-nos no amplo saguão do hotel com um gesto inusitado. Em postura solene de oração, à maneira de devoto oriental, ajoelhou-se diante de mim. Declarando-se envergonhado por erro do passado, pediu-me perdão em altos brados, na frente de boquiabertos turistas. Cusei a entender o que se passava, parecia uma brincadeira sem graça. Passado o primeiro impacto, Rudá explicou seu gesto, mais ou menos com estas palavras:

- Carreguei nesses anos todos o peso da culpa pela minha atitude lá em Brasília, em 1978. Fui o responsável pela chapa paulista que disputou com o grupo mineiro a primeira diretoria do Centro. Eu estava pessimamente informado. Induziram-me a liderar o grupo de estudantes sem vínculo algum com a pesquisa do cinema brasileiro, mas em número suficiente para garantir a vitória da chapa do Carlos Roberto.

Retorno ao VIII Encontro de Pesquisadores de 1978, na manhã seguinte à sessão de aprovação dos estatutos. A chapa mineira é acolhida no plenário, sem qualquer manifestação sobre uma segunda chapa. Acordáramos que os assinantes da lista de votação seriam considerados os fundadores do Centro. Com os simpatizantes de Brasília, éramos pouco mais de 20 pesquisadores. Eu me candidatara a liderar uma diretoria integrada pelos colegas que haviam sustentado o movimento desde 1973. Animavam-nos a certeza do apoio da UFMG e as experiências acumuladas, mesmo sem a presença reconfortante do Paulo Emílio.

Instala-se a assembléia das eleições. Consta na ata que “foi proposto pelo pesquisador Michel do Espírito Santo o nome de José Tavares de Barros para Diretor-Presidente da primeira Diretoria do Centro, ficando a seu cargo a constituição da chapa”. De repente, do lugar de onde dirijo os trabalhos, percebo a silhueta de Rudá de Andrade, recortada em contraluz, na porta superior do auditório. Ele não está sozinho. Seguem-no uns 20 jovens, entre moças e rapazes, ausentes na assembléia do dia anterior. Antes mesmo de sentar-se, Rudá pede a palavra e propõe uma segunda chapa com os nomes de Carlos Roberto de Souza, Sylvia Regina Bahiense Naves, Raquel Gerber e Eliana de Oliveira Queiroz. O impacto da surpresa sacode os que não estavam a par do estratagema, que soa mal em ambiente até então de completa cordialidade. Aberta a urna, treze votos vão para a chapa de Belo Horizonte e vinte e cinco para a de São Paulo, além de um voto em branco e um nulo. O grupo dos presumidos pesquisadores bate em retirada tão logo termina a reunião. Seus nomes perderam-se no tempo.

Estou certo de que nada disso teria acontecido se o Paulo Emílio estivesse conosco na assembléia das eleições. No mínimo, ele convocaria uma reunião para discutir todos os lados da proposta paulista e examinar se a proposição da segunda chapa estaria ou não adequada àquele momento. No caso de aprovada a disputa, não a ocultaria dos demais. São coisas passadas que, no entanto, vale a pena resgatar. Superado o mal estar da surpresa, o grupo continuou a conviver em torno dos interesses maiores da pesquisa do cinema brasileiro. Na reunião de encerramento do VIII Encontro, antes de passar a palavra ao novo Diretor-Presidente, fiz um retrospecto dos primeiros anos da nossa atividade. O plenário aprovou por unanimidade um voto de louvor proposto por Michel do Espírito Santo “pela atuação do pesquisador José Tavares de Barros para a criação de um Centro de Pesquisadores”. Obrigado, Michel, sua lembrança suavizou o desapontamento daquela manhã.

1979 - 1984

A nova diretoria do CPCB elaborou de imediato amplo questionário sobre a pesquisa do cinema brasileiro, enviado a um grande número de pesquisadores e instituições afins. As respostas recebidas constam do “Boletim 1/79”. O editorial resume a trajetória dos encontros a partir de 1970 até a consolidação do movimento como pessoa jurídica e propõe abrangente pauta de trabalhos:

Uma das primeiras tarefas do Centro é tornar-se uma central de informações referentes à pesquisa cinematográfica no Brasil e sobre cinema brasileiro. Entendemos que importam para o Centro as pesquisas que dizem respeito ao cinema no Brasil nos seus mais variados aspectos:

históricos, econômicos, técnicos, sócio políticos, filmográficos, documentais, de produção, de linguagem, etc., desenvolvidos tanto no Brasil quanto no exterior, no sentido do conhecimento e da preservação da história cinematográfica brasileira.

Em 1980, fui nomeado Delegado do Ministério da Educação em Minas Gerais. Ao longo de quatro anos, as novas funções obrigaram-me a limitar as atividades de ensino e pesquisa no Departamento de Cinema. Por outro lado, no entanto, em função de deslocamentos de ofício por capitais brasileiras, passei a encontrar com maior freqüência os colegas do Conselho Consultivo do CPCB, para o qual fomos eleitos na Assembléia de 1978, especialmente Alex Viany (Rio de Janeiro), Valêncio Xavier (Curitiba), Guido Araújo (Salvador) e Marco Antonio de Campos Guimarães (Brasília). É nesse período que ocorre outro recesso na história do CPCB, que é preciso esclarecer.

A Diretoria do Centro envia aos associados a circular 04/79, de 20 de junho, anunciando o temário do IX Encontro de Pesquisadores, a ser realizado no âmbito do XII Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, programado para setembro. Informa também que o “novo Boletim de Pesquisadores está em vias de ser publicado” e faz cobrança da anuidade de seiscentos cruzeiros. Não me lembram claramente os motivos, mas o IX Encontro não foi realizado em setembro de 1979, como programado. Em abril de 1981, a Diretoria do Centro distribuiu carta circular alegando não ter condições para continuar exercendo suas funções. Não encontrei o documento nos arquivos que consultei. Mas uma carta de 23 de setembro de 1981, dirigida aos sócios fundadores do Centro e assinada pelo Carlos Roberto de Souza e por mim, comunica a desistência dos diretores eleitos em 1978. Por ocasião da X Jornada Brasileira de Curta Metragem, em Salvador, os pesquisadores Manfredo Caldas, Vera Brandão, Cosme Alves Netto, Guido Araújo, Carlos Roberto de Souza, José Tavares de Barros, Jonicael Cedraz de Oliveira, Rudá de Andrade e Bernardo Vorobow aprovam um documento “no sentido de que o ex-presidente, José Tavares de Barros, reassumisse a entidade com o objetivo de reativá-la e realizar um encontro em âmbito nacional”:

Na qualidade de responsável provisório, o sócio José Tavares de Barros fica autorizado a constituir em Minas Gerais uma nova diretoria, que exercerá essa função até a convocação de novas eleições, por ocasião do próximo encontro do Centro de Pesquisadores.

Solicitamos uma resposta à presente no período de 30 dias a contar desta data, entendendo contar com sua aprovação caso não haja nenhuma manifestação. A proposta será aprovada pela maioria simples dos sócios fundadores.

Meu entusiasmo pela pesquisa animou-me a aceitar o desafio, certo de que teria o apoio da UFMG e o incentivo dos companheiros de outros Estados, a começar pelos paulistas da Cinemateca e da USP. Em 20 de agosto de 1982, enviei aos sócios do Centro uma carta circular sobre a organização do IX Encontro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro, que se realizaria durante a XI Jornada Brasileira de Curta Metragem, em Salvador no seguinte mês de setembro. Guido Araújo, diretor da Jornada, ofereceu hospedagem para 20 participantes no tradicional Palace Hotel, próximo à Praça Castro Alves, no centro da cidade. A programação do 9º Encontro, “sujeita a eventuais alterações”, incluía uma mesa redonda com as palestras “A pesquisa filmográfica, metodologia e situação atual”, de Jean-Claude Bernardet; “Utilização de filmes de arquivo”, de Sílvio Tendler, e “Técnicas e metas na recuperação de filmes”, de Fernando Scavone. O CNPq assumiu a passagem de Scavone e também as de Francisco Sérgio Moreira e Solange Stecz, mantendo-se a tradição do apoio de instituições governamentais às atividades do CPCB.

A circular CPCB 003/82, de 8 de novembro, informa que a Assembléia de Salvador elegeu um novo Conselho Consultivo com nove membros, presidido por Cosme Alves Netto, que legitimava a diretoria em exercício. Sua primeira reunião, anunciada para dezembro, ocorreria somente no dia 26 de fevereiro de 1983, na Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, com ata divulgada no Boletim nº 8. Editado novamente pela UFMG, agora em formato ofício, que seria mantido nas duas edições seguintes, registra na capa e contracapa, impressas em cartão acetinado, fotos do arquivo de filmes da Escola de Belas Artes. Latas empilhadas, algumas trazendo sinais de deterioração, ostentam etiquetas de classificação. O Boletim publica algumas respostas ao questionário enviado em novembro de 1982. Inclui também um trabalho de Eliana Queiroz sobre *Projeto Filmografia Geral do Cinema Brasileiro* e um artigo meu com a *Filmografia Igino Bonfioli*.

A segunda reunião do Conselho Consultivo realizou-se na Cinemateca Brasileira, em São Paulo, no dia 19 de agosto de 1983. A proximidade das duas reuniões sinaliza a intensidade das atividades daquele momento, marcado pela participação de significativo número de pesquisadores. A proposta da realização de um novo encontro do CPCB no âmbito do Festival de Cinema de Brasília, como os de 1976, 1977 e 1978, aparece contaminada pela notícia de um atrito com a FCDF:

Foi lembrado que, em 1982, poucos dias antes do início do Festival, alguns pesquisadores foram abordados unilateralmente e convidados para participar do “encontro” de pesquisadores previsto no regulamento

daquele evento. Com uma única exceção, justificável facilmente como informação equivocada, todos os pesquisadores recusaram-se a comparecer, unindo-se em torno da diretoria-executiva do Centro, a quem compete por estatuto promover e coordenar esse encontro anual.

Diante de tais fatos, o Conselho Consultivo toma duas deliberações. A primeira, que o CPCB não deve ocupar espaços que a FCDF poderia reservar para outras entidades ligadas à política do cinema brasileiro. A segunda decisão vincula a realização dos encontros a necessidades internas do CPCB e não em função de mero aproveitamento de convite feito por alguma instituição. Não tenho informações sobre precedentes e conseqüências do incidente, mas uma das decisões do Conselho Consultivo indica que a tensão foi bastante forte: “O CPCB procurará levantar recursos para a realização de um Encontro de Pesquisadores no início de 1984, como iniciativa independente de outro evento maior, condição inclusive para uma participação mais integral dos pesquisadores convidados”. O encontro, em princípio, deveria acontecer em Curitiba, entre fevereiro e abril de 1984. O termo “evento maior” indica, em princípio, algum festival ou mostra de cinema, com passagens e hospedagens para um certo número de pesquisadores. Mas as circunstâncias exigiriam um novo pedido de socorro à UFMG. O X Encontro, realizado em Belo Horizonte de 14 a 16 de junho de 1984, contou ainda com apoios da recém-criada Secretaria Estadual de Cultura do Estado de Minas Gerais, da Embrafilme e da Comissão de Auxílio à Pesquisa das Escolas Superiores (CAPES).

No X Encontro, a Diretoria e o Conselho Consultivo do CPCB foram eleitos para um segundo mandato, de dois anos. Uma das propostas aprovadas na reunião plenária final comprova o entrosamento do CPCB com as demais organizações da área cultural, por ele representadas no Conselho Consultivo da Embrafilme:

Na sessão de encerramento do Encontro foi abordada a questão do Centrocine, colocando-se o Centro de Pesquisadores ao lado das demais entidades que discutem atualmente a ideologia e os destinos da área cultural da Embrafilme. Foi aprovada por unanimidade a proposta de autonomia administrativa da área cultural, na estrutura da empresa, com recursos específicos da ordem de 15% sobre o orçamento anual. Nessa perspectiva, o Centro de Pesquisadores endossa o mérito das recomendações aprovadas pelo Conselho Nacional das ABDs, em sua recente reunião de Olinda.

Se foi utópico o desejo de aquinhoar parcela tão alta para a área cultural, o CPCB saiu do X Encontro com a decisão de dar continuidade à sua política de pé

no chão, tendo por horizonte o expressivo número de 70 associados, do Amazonas ao Rio Grande do Sul. Uma das iniciativas foi a criação de núcleos regionais. Em reunião na Cinemateca do MAM, coordenada por Vera Brandão de Oliveira, no dia 13 de dezembro do mesmo ano, instalou-se o Núcleo Regional do Rio de Janeiro. No dia seguinte, realizou-se na Cinemateca do Museu Guido Viaro, em Curitiba, a Mostra Nacional de Filmes Recuperados. Na ocasião, discutiu-se também a criação do Núcleo Regional do Paraná, ficando responsável pela coordenação dos trabalhos a pesquisadora Solange Straube Stecz. Os eventos do Rio e de Curitiba estão fartamente documentados no Boletim nº 10, que traz na capa uma iconografia de *República Guarani*, filme do pesquisador e cineasta Sylvio Back. Entre as pessoas que deram colaboração decisiva às atividades do CPCB naquele momento, cabe por justiça lembrar os nomes de Fausto Fleury e Ana Pessoa, funcionários da Embrafilme, e de Miguel Pereira, professor da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ).

Foi significativa a participação do CPCB nas comissões criadas, no início dos anos 1980, para discussão do projeto de estruturação da Embrafilme. Ao lado das demais entidades da área cultural, como cinematecas e associações de cineastas e documentaristas, o CPCB foi chamado a integrar a comissão específica da Diretoria de Operações Não Comerciais, a DONAC. Cosme Alves Netto foi eleito representante titular da área cultural no Conselho Consultivo da Diretoria Geral, ficando eu com a suplência. Terminada a reunião, Cosme puxou-me para um canto da sala e segredou:

- Olha, isso é para constar. Eu não irei às reuniões. Você vai ser um suplente ativo. Com as passagens da Embrafilme, poderá vir mais vezes ao Rio para tratarmos dos assuntos do Centro. Na cinemateca, acompanho o que acontece cada dia no cinema brasileiro.

Dito e feito. Durante o ano de 1984, participei de 16 reuniões, lideradas por Roberto Parreira, na sede da rua Mayrink Veiga. Importante lembrar que desde o ano anterior já se consolidara uma eficiente articulação do CPCB com a Embrafilme. Uma das ações comuns foi o *Cinetema 2*, cujo slogan -"Uma idéia na cabeça, lápis e papel na mão"- polarizou pesquisadores de todo o país, interessados em concorrer a cinco bolsas de trabalho, no valor total de 15 milhões de cruzeiros. Outra iniciativa conjunta, os Cadernos de Pesquisa tiveram quatro edições, nos anos 1984, 1986, 1987 e 1988. É preciso abrir um parêntese para lembrar que esse clima positivo mudou bruscamente com o fim do mandato de Carlos Augusto Calil, em dezembro de 1985. Os tempos já eram outros quando, em seguida, deixaram a empresa Eduardo Escorel, diretor de operações, e José Carlos Avellar, diretor de assuntos culturais. Nomeado Diretor Geral da

Embrafilme, em 1986, o livreiro curitibano Fernando Ghignone não demonstrou afinidade com o movimento dos pesquisadores e, na avaliação de historiadores e críticos, nem com o próprio cinema brasileiro.

1985

Logo em seguida à instalação do Governo Sarney, no dia 15 de março, o professor Aluísio Pimenta, nomeado Ministro da Cultura, chamou-me para assessorá-lo na área de cinema. Passei assim a integrar o Conselho Nacional do Cinema (Concine), na gestão Gustavo Dahl, mas esse foi um período que deixou poucos vestígios na minha memória. Ao contrário, conservo muito vivo até hoje o prazer de ter sido membro do Conselho de Administração da Embrafilme, junto com Calil e Arnaldo Jabor. Foi o tempo da estréia de *Eu sei que vou te amar* e os ventos eram favoráveis ao cinema brasileiro. Empenhei-me naquele tempo para que iniciativas a favor do cinema fossem particularmente prestigiadas. No dia 12 de agosto o Ministro visitou com mineira tranqüilidade a Cinemateca Brasileira e, em setembro, presidiu a abertura da Jornada de Cinema da Bahia, em Salvador. A realidade do entrosamento do CPCB com a Embrafilme e com toda a área cultural do cinema já constava na minha *Apresentação ao primeiro número dos Cadernos de Pesquisa*, lançado no ano anterior:

Propiciam-se a convivência e o entrosamento de segmentos importantes do cinema brasileiro, através de seus representantes no plano das respectivas coordenações nacionais. Afinal de contas, o cineclubismo, a pesquisa, as escolas de cinema, a produção independente e as cinematecas constituem interfaces do mesmo amplo projeto, direto e democrático, fundamental para a sobrevivência do próprio cinema brasileiro.

1986

A articulação já reportada se confirmava pelo apoio da FCDF, no âmbito do 19º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, a dois projetos do CPCB: nos dias 9 e 10 de outubro, o XII Encontro de Pesquisadores; nos dias 11 e 12, o Encontro de Professores e Dirigentes de Cursos de Cinema. Sobre o primeiro há uma longa matéria no Boletim nº 13, o último da série, lançado em agosto de 1987. Sílvio Zamboni, que representava o CNPq no Encontro, afirmou que a área de cinema deveria dizer o que pretende e lutar para garantir seu espaço junto a esse órgão financiador. Se aumentar a demanda, concluiu, aumentará também o teto de recursos destinados ao setor. Uma nota indica que havia um novo impasse a ser superado:

Na Assembléia foi acolhida proposta de Cosme Alves Netto e Carlos Augusto Calil no sentido de que fosse prorrogado o mandato da atual Diretoria, pelo prazo máximo de 12 meses, até a realização de Assembléia Geral Extraordinária, especialmente convocada para as eleições. Naquela ocasião deverá ser discutida e votada a reforma dos atuais Estatutos do CPCB.

Tomada tal decisão, ainda no recinto do encontro, fui alvo de uma observação bem humorada de Sylvio Back: - “Você é o Austregésilo de Athayde da pesquisa”. O colega curitibano não sabia que a questão da continuidade do mandato estava sendo objeto de sucessivas conversações. Era preciso encontrar candidato que reunisse as condições exigidas para liderança de uma nova diretoria do CPCB. A experiência paulista havia ensinado que não bastam entusiasmo e determinação pessoal para as coisas darem certo, é preciso um confiável aparato administrativo de base, sejam pessoas ou instituições. Empunhando a clássica lanterna de Diógenes, saímos à procura do nome ideal.

1987 - 1993

Em pouco tempo as atenções concentraram-se em João Luiz Vieira. Professor de cinema na Universidade Federal Fluminense (UFF), João Luiz acabava de assumir uma consultoria na Cinemateca do MAM, podendo contar com a infraestrutura indispensável. Mas era preciso conquistá-lo para o projeto do CPCB. Lembro com nuances da longa conversa que tivemos em sua casa de Santa Teresa, em uma manhã de sábado. Mostrei-lhe documentos, descrevi o envolvimento de professores universitários na trajetória do CPCB, referi-me ao apoio que receberia do Cosme, seu superior imediato na consultoria. Antes do almoço eu já tinha nas mãos o candidato para a presidência. E com eleição garantida, pois não teria concorrentes na assembléia.

As circunstâncias não permitiram a realização do 13º Encontro do CPCB durante o 20º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, de 1987, como desejávamos. Com apoio da Fundação do Cinema Brasileiro (FCB), dirigida por Affonso Beato, a votação aconteceu em 19 de abril de 1988, com lista de presença assinada por 27 sócios, no Cineclube Estação Botafogo, Rio de Janeiro. Estavam eleitos João Luiz Vieira e Sílvia Oroz para presidente e vice, respectivamente. Nas palavras de transmissão do cargo fiz “homenagem especial, sincera e comovida, à presença eterna de Paulo Emílio Salles Gomes, um dos principais idealizadores do Centro”.

A nova gestão do CPCB começou a todo vapor. Três iniciativas merecem ser relatadas. O Festival de Cinema de Gramado instituiu um Kikito especial para

premiar pesquisas sobre cinema brasileiro, mantido até hoje. A Cinemateca do MAM iniciou uma programação mensal do CPCB para homenagear cineastas pioneiros, começando por Carmem Santos e Rui Santos. Iniciativa mais abrangente, o Encontro Nacional de Pesquisa Cinematográfica realizou-se em São Paulo nos dias 2 e 3 de setembro, com apoio das Oficinas Culturais Três Rios, da Secretaria de Cultura. Em carta circular de 31 de março de 1989, João Luiz faz um breve relato do evento:

Além das excelentes intervenções dos sócios Paulo Roberto Ferreira (“Os primórdios do Cinema no Brasil”), Solange Stecz (“O Cinema no Paraná”) e do pesquisador Afrânio Catani (“O Cinema da Maristela”), foi lançado o *Caderno de Pesquisa nº 4*, dedicado ao cinema paranaense. Foi também apresentada uma conferência do pesquisador Jesus Pfeil, ilustrada com trechos inéditos da trilha sonora recuperada do filme *Coisas Nossas...* Um destaque nas conferências mereceu a intervenção da Dra Éster Bertoletti, Diretora do Programa Nacional de Microfilmagem de Periódicos da Biblioteca Nacional, que discorreu sobre a importância da democratização das fontes primárias de pesquisa e seu acesso público.

A carta circular refere-se também à “nossa participação limitada, por questão de verbas, a apenas 10 representantes” no 31º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, em 1988, e menciona o projeto de Encontro Nacional, no Rio de Janeiro, “caso contemos com o apoio do CNPq”. A partir daí secam as informações disponíveis sobre a continuidade dos trabalhos da Diretoria, pelo menos nos documentos que examinei. O que teria acontecido em 1989 e nos anos seguintes? Nova lacuna nas memórias do CPCB, mas esta não consigo preencher. Importa lembrar que prosseguiram normalmente as pesquisas individuais e institucionais, independentemente da falta de uma articulação central que, no entanto, permanecia no horizonte como utopia a ser reconquistada.

1994 - 1995

Passei o ano de 1992 em Lyon, França, com bolsa de pós-doutorado concedida pela CAPES. Ao retornar, no início de 1993, Cosme colocou-me a par da situação. Conversamos com João Luiz e Sílvia Oroz, logo saindo à luta em busca de alternativas para a retomada por todos almejada. Ao pedido de apoio para um encontro no âmbito do 27º Festival de Brasília, em 1994, a FCDF respondeu com a concessão de 20 convites. Viajou por conta própria, por indicação do

Cosme, a jornalista Myrna Silveira Brandão, eleita anos depois para a presidência do CPCB. O encontro dos pesquisadores restringiu-se a uma única sessão, de três horas, incluída em espaço livre da programação do Festival. Foi vantajosa a não-coincidência com eventos paralelos. Um entusiasmo contagiante tomou conta dos pesquisadores e das demais pessoas que, por curiosidade, entraram no auditório. Foi o caso de Augusto Sevá que, ao final da reunião, ofereceu-me o apoio do Centro Cultural São Paulo, da Secretaria Municipal de Cultura, para a realização de novo encontro, que de fato ocorreria entre 6 e 8 de abril de 1995. O secretário Rodolfo Konder acolheu os participantes com excelentes condições de trabalho. Entre as estréias, os filmes experimentais *São Paulo, Sinfonia* e *Cacofonia*, de Jean-Claude Bernardet e *São Paulo Cinemacidade*, de Aloysio Raulino. Em breve apresentação intitulada *Nossa Utopia*, reproduzida no impresso editado para o encontro, destaquei a importância da nova retomada do CPCB:

Após longo recesso motivado em parte pela crise que marcou a área cultural, na passagem dos anos 90, o movimento de pesquisadores retomou suas atividades em dezembro último, graças ao apoio da Fundação Cultural e do Festival de Cinema de Brasília. Poucas horas de reunião, com comunicações e relatos de pesquisa, foram suficientes para confirmar que não haviam morrido as iniciativas isoladas de pesquisadores idealistas, nem sempre vinculados às cinematecas ou apoiados pelos poucos órgãos que se ocupam do assunto.

A iniciativa da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, abrindo o Centro Cultural para um novo encontro e possibilitando a presença de quase 20 especialistas de outros Estados, representa impulso definitivo ao movimento de pesquisa do cinema brasileiro, aberto hoje ao impacto das novas tecnologias e à renovação do conceito dos museus de imagem e som.

1996 – 2006

A Diretoria do CPCB caminhava em câmera lenta, sem condições de retomar a rotina mínima indispensável. Era preciso encontrar sem demora um substituto à altura para João Luiz Vieira e sua equipe. Começamos a sondar o pessoal da Cinemateca de Curitiba, especialmente Solange Stecz e Valêncio Xavier. Foi esta a última sugestão que recebi do querido amigo Cosme Alves Netto. Acometido por um enfarto, ele morreu dormindo na madrugada de 2 de fevereiro de 1996. Quando recebi a notícia, lembrei-me imediatamente da falta que Paulo Emílio continuava a fazer. Precisamente há dez anos, o CPCB tornou-se órfão pela segunda vez, agora sem as intuições e o domínio da arte das negociações, que pertenciam à própria natureza do Cosme.

Nos documentos consultados, não encontrei nenhuma referência à programação do segundo encontro no Centro Cultural Vergueiro, em São Paulo, que realmente aconteceu no mês novembro de 1996, graças a articulações levadas a bom termo por Rudá de Andrade. Somente em novembro de 1997, durante o Festival de Brasília, realizaram-se novas eleições, em assembléia que João Luiz e eu coordenamos. A chapa única recebeu todos os votos: Valêncio Xavier, diretor presidente, Marília Franco, vice, Solange Stecz, secretária. Valêncio começou sua administração com entusiasmo contagiante. Telefonava-me de manhã, vezes sem conta, sem a menor pressa, para comentar as idéias da véspera e acrescentar dados sobre um grande encontro de pesquisadores que estava nos seus planos. Nova utopia, devorada provavelmente pela realidade de compromissos pessoais prioritários. Em 1998, sem muita explicação, Valêncio passou a presidência para Marília Franco. Em outubro de 1999, Myrna Silveira Brandão foi eleita presidente. Mas esses são fatos recentes, dispensam meu exercício de memória.

Lagoa Santa, 2 de fevereiro de 2006.